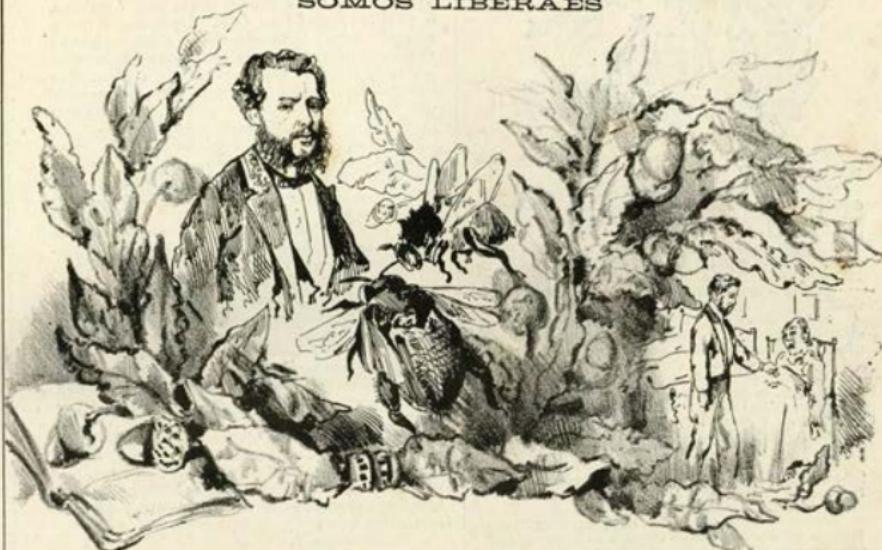


SOMOS LIBERAES



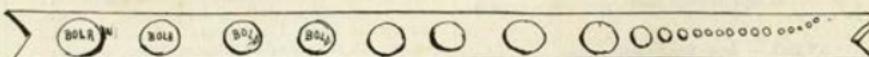
Quando nos curvamos, como hoje, diante do Sr. Leoncio de Carvalho, e o felicitamos pelo cuidado e esforços que prega para evitar as fatacas epidémicas deste paiz, pelas suas ideias avançadas com respeito á instrucção pública e ensino obri-gatório, e pelo muito que está fazendo pela educação. É um político que por agora se esquece de si para só lembrar-se do seu paiz — E' raro! — Honra lhe seja! — Nem parece um ministro! (*)



Somos liberaes com o Sr. Leoncio, como o seremos com todos os que procederem com o desinteresse de S. Ex.

Não somos liberaes, quando o partido se faz apenas valer pelos seus chás de família — com BISCOITINHOS...

Desta vez o Besouro co-
meu bolo do partido liberal. Como comeu a semana pas-
ada do partido conservador.



A propósito de bolas cabe-nos fazer aqui um pedido a todos os que, por ignorância ou malvadez, se ocupam em propagar injúrias. O pedido é o seguinte: o favor de não medirem o nosso carácter pels craveira dos vossos. A vossa altura e o do estomago; a nossa é um pouco mais elevada. Agora uma explicação: não estamos filiados a nenhum partido; se o estivesssemos, não seríamos de certo conservadores nem liberaes. A nossa bandeira é a Verdade. Não recebemos inspirações de quem quer que seja e se alguém se serve do nosso nome para oferecer serviços, que só prestamos à nossa consciência e ao nosso dever, — esse alguém é um infame impostor que mente.

A razão porque não applaudimos a cunhadite é a mesma porque não applaudimos a commandita Masset & C. Tanto valem para nós uns como outros.

O juizo que formamos da vossa política está na pagina central.

(*) Não dissemos estas coisas ao Sr. Leoncio a pedido do Sr. Hidra.



Recebemos, durante a semana finda, exemplares das publicações:

Physique e Camographie, pela Sra. L. Périer. — É destinado esse livro à educação dos meninos; mas convém perfeitamente aos homens que não sahem física, nem camographia.

Biblioteca Económica, n. 39. — Continua a publicar *Os grillões*, por F. Zaccone, e *Um comandante de 15 anos*, por J. Verne.

Os três estados, esboço positivista, por Miguel Feitosa.

Revista Americana, n. 1. — Publicação científica, artística e literária, da qual são colaboradores muitos literatos de marca maior da corte e província.

Mil prosperidades.

O Phanographia, n. 1. — Publicação quinzenal, redigida pelo Sr. lacharel Luiz Augusto de Oliveira.

Relatório do Gabinete Português de Leitura.

Relatório apresentado à Assembleia Legislativa provincial do Rio de Janeiro pelo presidente Visconde de Prado.

Contos Tropicais, poesias de Theophilo Dias. — Os nossos comprimentos ao jovem collega, follettinista da *Província de S. Paulo*.

Economista Brasileiro, n. 18.

Ilustração do Brasil, nova série, n. 2. — TRAZ A Tentação, quadro humorístico dedicado ao nosso Raphael, e Os lobos do rei, oferecido a Angelo Agostini.

Jornal das Famílias, ns. 9 e 10.

Agradecemos.

A nosso amigo Sr. Francisco P. Machado Reis, de Santos, enviamos os nossos cordiais agradecimentos pela sympathia que lhe mereceu a nossa folha e a proteção que lhe dispensou.

O Sr. M. Gulmarães teve a feliz lembrança, a quem somos gratos, de nos enviar tres belos leques, com allegorias no *Besouro*.

Mande mais, manda mais... Note o nosso estimável amigo que vai começar o verão e que temos a infelidade de morar por cima de uma confecataria.

Os Srs. Narciso & C. offereceram-nos uma bonita coleção de cartões-anúncios, lithographed em Pariz.

Continua aberta em nosso escritório a subscrição a favor dos orfelinatos, agenciada pelo Irmão Ignacio.

Prevenimos aos nossos assinantes, que nos honram com o seu favor, que as gravuras e clichés dos anúncios, publicados na capa do nosso jornal, pertencem à empresa do *Besouro*.

AVISO. — Aos Srs. assinantes, que não querem continuar a honrar-nos com o seu auxílio, pedimos encarecidamente mandem participar-nos com antecedência essa infâsta e dolorosa resolução.

Ao respeitável público

É sempre respeitável, desde que é público, o público a quem se fala. E por isso é que a antiga e respeitabilissima chapa ainda mais uma vez serve de título a um artigo que não se sabe por onde começar e nem por onde acabar. Mas como já aqui está o princípio, quer-nos parecer que só falta o fim do dito artigo, dirigido como já se viu ao suprassumido respeitável público.

É que nós temos de dizer-lhe uma cousa que nos embraça: andam a dizer que cá por casa fazem-se mais festinhas — um dia sim e outro também — nos dignos membros do digno partido conservador, e que quasi sempre — menos o quasi — carregamos um pouco mais a mão nos não menos dignos membros do também não menos digno partido liberal.

Ora, como isto não é propriamente uma verdade, visto que ainda o liberal não nos decretou o degrado para a Costa d'Africa e o conservador ainda não nos convidou para o seu chá e as torradás de família, aproveitamos o ensejo, habilmente preparado por nós mesmos, para declarar ao sempre respeitável público que ainda não somos conservadores nem liberais... por enquanto.

E como ao Deus de amor nada é impossível, e onde está o homem está o perigo, declaramos mais ao público respeitável — isto é ao respeitável público, que entre os nossos políticos, liberais, conservadores e republicanos, preferimos... nenhum.

E isto é que é.

A Sua Magestade o Imperador.

Senhor.



or mais de uma vez, este insignificante inseto tem dirigido uns dos seus mais respeitosos zumbidos até os degraus do trono, d'onde V. M. assiste às representações que diariamente vê dão os vossos subditos reverentes como os Srs. S. Martins e Lafayette, leaes como os Srs. Siminbá e Osorio, reverentes, leaes e fieis como todos mais.

Das outras vezes, porém, este insignificante inseto tem procurado, alando-se até vós, tratar de assuntos que digam respeito a nós, ao povo, à iluminação e bombardeio de Pedro I, à sociedade, à militância, à justezza do compasso no theatro lyrico, e assim a outras cousas interessantes, mas de um interesse que não se referia propriamente à pessoa de V. M. Hoje é bem o contrario: só por amor da vossa imperial pessoa, só por vosso interesse é que vos dirigimos mais este zumbido, que por certo nos irá adquirir mais um qualificativo para a nossa posição de subditos, pois que seremos d'aqui em diante, além de leaes e fieis — credores.

V. M. acaba de dirigir uma carta em frances à Academia das Sciencias de Pariz, uma carta que não abona em nada os vossos creditos litterarios, os creditos de um soberano que tem por ministros uns professores de linguas... honorarios. Palpita-nos sob as nossas azas uma idéa, e é que em chegando a vossa carta as mãos dos academicos de Pariz, ella apenas conseguirá provar duas cousas perante elles: que V. M. é boa pessoa e sabe pouco a lingua francesa.

Ora isto é para V. M. um tanto para sentir, e para os Srs. academicos muito para admirar: quanto a V. M. porque de tal modo ficará um pouco abalada a vossa fama de polyglotta; quanto a elles, porque julgavam que era impossivel V. M. escrevesse peior o frances do que o fallava? e reconheceram que isso não é só possivel: — é exacto.

Queremos pois dar-vos um conselho simplissimo e que em identicas circunstancias dali-ciamos ao primeiro menino de collegio que d'elle precisasse. V. M. não sabe frances e quer escrever em frances; pois para isso ha um remedio muito simples: aprenda-o.

Tome professores; entre os membros do vosso gabinete ha-os honorarios: escolha. Mas que não vos esqueça esta verdade que envolve o nosso conselho: é que quem pretende saber frances, estuda-o.

E assim ficaremos credores de V. M. — da vossa gratidão, do vosso reconhecimento.

E os academicos de Pariz, ao receberem uma nova carta em que V. M. não diga *je l'apprécie ma qualité*, em que os não chingue de *adultants pour moi*; elles academicos, e nos, e todos reconheceremos que então sim, é que V. M. provou haver estudado a lingua francesa, e que já não se torna muito difícil a gente acreditar que V. M. é um verdadeiro sabio, um sabio legitimo de Braga... quero dizer — de Bragança.

E no mais, *je profite de cette occasion* — como diz a vossa memoravel carta — para assignar-me de V. M.

Pelo Besouro,
D. FILHO.

Confidencia.

Está resolvida a entrada da Sra. Ismenia para um theatro.

A mulher do emprezario, que é actriz:
— Essa mulher a entrar e eu a sahir!
O emprezario, a um empregado:
— Isto ao telegrapho:
— Ismenia venha quanto antes.
Puf!

A Medicina

Que ella era um *Primo Basilio travesti* estava-a ver ha muito.

Os que não acreditavam nos seus intentos condennavam-na, nas suas cavallarias altas, nos passeios ao luar, cantando barcarolas ás pompas innocentes; esses estão agora compenetrados da verdade sobre ella, a tal Medicina.

Pois que são duas as vezes que ella tira o manto dos homens e a mascara do rosto, e manifesta-se perante o publico: da primeira vez n'uma questão do recto, agora n'uma questão da perna. Que instintos e que *Paraiso!*

O' medicina: quem tem d'essa questione, trata-as em casa: quem tem vicios esconde-os.

TINÓQUINHO.

Umas tantas cousas

Instituto Historico diz-se, com aquelle seu recato de donzel, que é uma associação de sabios.

Não duvido, desde que ha associações anonymas.

O general*** além das qualidades do cavalheiro Bayard, tem a phrase prompta nos labios. Perguntava-lhe uma senhora:

— Porque razão, general, não hão de estar as mulheres ao lado dos maridos na guerra?

O general respondeu n'um arranço:

— Na guerra, Exma, as mulheres são os canhões!

Foi uma bomba general.

Ha quem visse o Sr. Hudson no *coupé* do joven Leoncio, do joven ministro do imperio! Oh! desconfemos da materia organica!

A violeta, *viola odorata*, da familia das violaceas, tem sido a gentil mensageira dos secretos pensares de alguém.

A scena da-sa no lyrico...

THOMAZINNI, o *bibliophilus*.

Um pedido

(EM ESTYLO DE MOFINA.)

O Sr. que tem-se esquecido de levar para casa uma tosse impertinente e incurável, que se interpõe ás melhores arias e aos ouvidos dos *dilettanti*, no theatro lyrico, pôde ir reclamar-a ao escritorio da empreza.

Os assigantes da letra G, nas varandas, sabendo que a supracitada tosse é de S. S., não querem gratificação pelo achado; pedem-lhe apenaçam um obsequio: — deixal-a em casa nas noites de receita.

UM SURDO.

AS POLITICAS MILITANTES

(PHOTOGRAPHIA INSTANTANEA)

Sociedade constitucional commanditaria, para commercio de.... café: tem por capital e ideia fundamental o *furador grosso*.

HENRIQUE ALVIM CORRÊA.

O credo de vossos partidos cifra-se unicamente no furador. Furador mais ou menos grosso, pulso mais ou menos rijo para dar zassadas maiores ou menores, eis a diferença de uns para outros. De vez em quando, a pretexto de moralizar, o socio gerente desta conveniente dispõe uns novos para que os outros sejam mais rios, e o resultado é que a teoria seja a de furar e não cometer os fados da situação o exílio da vida pacífica. Eles vêm chamar os novos para entrar a conviver. Todo vos bom, só que esta história da furador não cessa. Zi Fureado e o zapa protestar as lettras, qd tem o opportunity da horriga.

As zassadas maiores ou menores, eis a diferença de uns para outros. De vez em quando, a pretexto de moralizar, o socio gerente desta conveniente dispõe uns novos para que os outros sejam mais rios, e o resultado é que a teoria seja a de furar e não cometer os fados da situação o exílio da vida pacífica. Eles vêm chamar os novos para entrar a conviver. Todo vos bom, só que esta história da furador não cessa. Zi Fureado e o zapa protestar as lettras, qd tem o opportunity da horriga.

Theatro S. Pedro de Alcantara



ste theatro convenientemente pre-
parado, com meias solas e bombas
nos sapatos, fundilhos nas calças
e o casaco esfregado á benzina,
está pronto para todo o gênero
de peças e de divertimentos, se-
gundo anuncia o emprezario dos
emprezarios, o celebreíssimo Calvo,
o eminentíssimo caréca que se acha à
testa de tão grandiosa empreza.

* *

Que maravilha! Comprar a gente um bilhete,
transpor o limiar d'aquele templo da arte e do
Banco Industrial, ver subir o panno, aparecer
um salão em casa do marquez de Presles, mobili-
ado a gosto de Luiz, o Calvo, isto é, sem gosto,
chatô — assim como se a casa de um marquez
fosse como a sala de um barbeiro ou de um
anmanuoso de tabellão—entrar num eraldo de librê
e anunciar a Sr. Lucinda, com aquela simplici-
dade que se lhe reconhece, arrastando um vestido
de seda da casa do Ayrosa, exhibindo uns ricos
sapatos da rua do Carmo, sapatos pequeninos, 34
ou 35, deixando adivinhar umas meias da casa da
Ziziinha.

Entra depois o Sr. Furtado, com uma casaca
que ninguém veste como elle, elegante, elegan-
tissimo, falando com as Senhoras e querendo met-
ter-lhes os dedos pelos olhos, levantando as abas
da casaca quando se senta, explorando o nariz
com uma certa anciadela e limpando ás calças
o que tira de lá e passando a mão pelos cabellos....
do bigode.

Que maravilha! Estamos em pleno theatro
francez! Tudo o faz crér:—os actores, a peça, a
mise-en-scène, os espectadores que exclamam no
auge do entusiasmo:

— A' chena a *Luzinda*.
— Dá ca o pé papagaio!

* *

No dia seguinte, nova sensação!

Como tudo aquillo se mudou! A scena é uma
phantasia! Quadros que se dissolvem, mulheres
que aparecem em conchas, luzes de todas as
cores, comparsas vestidos de setim e o primeiro
actor comicó nacional, o Sr. Francisco Martins,
a fazer cozimento de malvas... ou quero dizer, a
fazer rir a gente com as suas pilherias na *Volta*
do Mundo.

Que reinação!

Estamos no Ambigu!

Que theatro!

Que cabeça, ou que caréca tem aquelle Fur-
tado para dirigir tudo aquillo!

Que pandego!!!

Que charlata!!!

BRAZ.

No lyrico.

— Atiram sempre ao tenor um ramo de
violetas.

— O que quer dizer: amor occulto.

— Ou culto ao canto?

OH! AH

E' justo.

Diz o reporter, que tem acompanhado Sua
Majestade pela província de S. Paulo, que aquelle
augusto senhor fez uma viagem de *recreio* ao
Salto. E então? pois não é razoável que distra-
isse umas horas da sua viagem de instrução
pela província, para dar um pulo ao *Salto*?

Acho que Sua Majestade andou bem.

RIB.

Memento



Apostolo, a terrina de vinha-
d'álho espiritual, franque-
ada tres vezes por semana
ao appétite religioso da christi-
tandade, acaba de entornar
a salmoura sobre as columnas
das imprensa.

Sua Conesia da Rua
Nova do Ouvidor não esteve
pelas manecas presumپcas de Sua Patuscaria, e eis
ali o germe de um schisma.

Sua Patuscaria afirma
que sempre quiz symbolizar-se por uma bexiga
e que Sua Conesia foi sempre symbolizada por
aqueillo que fornece o enchimento das bexigas
para fazer-se um paio.

Não houve acordo, e o bate-boéca passou
os umbras da quitanda espiritual (orgão da
religião) para as columnas do *Jornal* (orgão da
sociedade).

Não se sabe até onde chegará o tresserel
bate-barbas, porque o Patusco é homem para
exclarar convenientemente: *Dum caro habetis, eu
hei de ir-te no lombo.*

E o Luthero das subsciپões não é homem
para faltar com a palavra.

Por sua vez Sua Conesia está auctorizado a
clamar com todo o pulmão e com todo o abdo-
men.

Suspendamos, pois, o nosso juizo como sus-
pendeu-se o orgão da subsciپão e da ser-
vidade.

Só nos labios do R., o patusco, fica bem
desde já cantar o *memento* e afirmar arbitraria-
mente: *et in linguis reverteris.*

ZE.

O Dentista Magico

Estamos auctorizados a declarar — entendam
— estamos auctorizados a declarar que o Sr.
Monteiro Noronha, levando á scena da Phenix
a *Princesa Estrella d'Aleia* não teve em vista provar
que nem só os sapateiros, mas os proprios den-
tistas atiram-se ás vezes a... tocar rabecão.

O que S. S. quiz foi pôr em scena o boticório
e chamar a concorrência das recitas para o seu
escritorio, onde tira dentos afiçados por vinte
anos.

Infelizmente o C. de L. já tirou o ultimo que
lhe restava — o do siso.

Lót.

Um folhetim

ndavamos todos ca em casa afflictos, pezaros mesmo, por não poder atinar com o autor do folhetim de domingo ultimo no *Cruzeiro*. Pois se elles são tantos agora!

Depois, para intrigar-nos, e muito, já era bastante o Lord Zero, o incognito da *Reforma*, que veiu agora ensinar a gente como é que se escrevem folhetins descompostura. E mesmo assim nós ainda não perdemos a esperança de o conhecer, de o surprehender em flagrante, *commettendo* um folhetim.

Mas o outro, o outro!

Sentamos-nos todos á roda da mesa: « Não é do Dr. Corrêa Moreira, Beppo tem graça » disse o Lebigre; « Não pôde ser do Dantas, visto que só falla de trovoadas, e aquello só tem odio... ás feijoadas » disse o Arraes; « Talvez do Almeida: falla em economias e passagens baratas... » reclamou o Zé; « Então é do velho Aranjo, que só pretende os bons ares de Friburgo e Petropolis e lembrar o D. Filho. » Cá por mim não sei de quem é » declarou o K. Mello.

Afinal as *Notas Semanaes* iam ficar sem pai, quando o nosso Basílio, o macaco da janelha, pediu a palavra e discursou:

— O folhetim, o folhetim que só falla em assentos posteriores, que só quer os posteriores, que só acha commodity nos posteriores, que pretende reduzir tudo a posteriores; o folhetim de quem mais ha-de ser? — Do Sr. Visconde de Prados.

Olhem quem elle é!!

FIM-FIM.

Falta de concordancia.

No Cassino:

- Como está magro o galã Torres,
- E gorda a galã (?) Maria Adelaide.
- Homem quem sabe... *serão* a phylloxera?

X.

Noticiario

redacção do *Besouro*, etc., etc., na sua etc., etc.

Quem não a conhecer que a compre.

O folhetim *Microcosmo*, de C. de L., publicado domingo no *Jornal*, trazia o título de *Chronica Lisbonense e a assignatura de Guilherme de Azevedo.*

Ora graças, que já um dia prestou e teve graça o C. de L. microcosmico!

Depois das brigas entre o conego Ferreira e o Dr. Reis, afinal sempre foi suspenso o *Apostolo*.

Esta deliberação causou profundo pesar e levou a consternação à praça... do Mercado, onde o *Apostolo* era tido como uma verdadeira cartilha maternal.

Quanto ás brigas pelo *Jornal*, vieram estas demonstrar ao publico que, se quando brigam as comadres, dizem-se as verdades, quando brigam os compadres descobrem-se as mentiras.

Consta-nos que apenas chegado de S. Paulo, vai o reporter Tinoco ser remetido para a exposição de Pariz, dentro de um caixão com o distinto *Fragile*.

E que o enorme reporter é tão activo quanto fragil!

Conforme havíamos anunciado, apareceu mais um numero do periodico *O Vulgarizador*, do Sr. Zaluar.

Espera-se que o proximo numero seja distribuído ainda antes do Natal.

Na companhia da Phenix acha-se agora contratacada uma Sra. N. N. que da pelo nome de Julia de Castro e faz o papel de princesa na magica *Estrella d'Alva*.

Asseguram-nos que esta Julia de Castro não é a Julia de Ca-tro: é uma Julia de Castro que tem o mesmo nome da Julia de Castro.

Temos a satisfação de anunciar aos nossos leitores que felizmente já terminaram as *Torturas do ideal*, do amigo Alberto de Oliveira.

Se duram mais, eramos obrigados a convir que era o publico o ideal do poeta.

O Sr. Osorio ainda não está resolvido a matricular-se nos cursos nocturnos para adultos, com receio de que a *cousa* não lhe faça mal à perna.

Demais, S. Ex. declara terminantemente que não é adulto — é general.

Na primeira representação do *Gesso do Sr. Pötter*, houve repentinamente um grande estrondo no theatro, tão medonho que até fez arriparem-se os cabellos do Sr. Furtado Coelho.

Averiguado o caso, tinha sido o Sr. Joaquim Procopio que havia pisado de leve em uma inocente pulga, habitante d'aquele theatro desde os memoráveis tempos do actor Germano.

Pobresinha! Em que mãos, quer dizer em que pés foste tu cahir!

Um nosso amigo affirma-nos que os folhetins da *Reforma* ainda podem ser lidos perante senhoras e pessoas que amam a decencia e a honestidade: é que elles ainda não trazem nomes feios e phrases obscenas.

Tambem, devagar se vai ao longe.

E' ainda noticiarista d'esta espirituosa folha o tal

KARLO MELLO.

P. S. — Chegou da roça o nosso amigo e poeta Fontoura Xavier. E apenas chegou contractou comosco de, caso voile para lá, nuncas jámois o chamarmos de cá.

MELLO.

TUTTI FRUTTI

(Não nos diga o Sr. Cruzeiro: Apanhei-te, cavaquinho! porque isto é delle! BEPPO)



A *Ilustração do Brasil* ofereceu-nos uma *Tentação*: foi uma *tentação* demente: ainda estamos a puchar a capa, como o José do Egypto. — Olé!

Agradecemos penhorados ao proprietário, o único de que o jornalismo tem a honra de contar em seu seio, o Sr. Vivaldi, — esta prova de estima, desejando-lhe que realize com o público

o que seus antepassados realizavam com o Adriático: — case com elle. A sua *Ilustração* é tentadora; dizem que é muito bom ser tentado. Tentem-se, meus senhores, tentem-se!

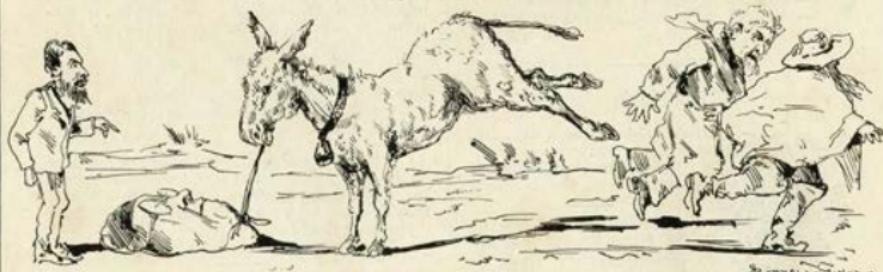
A *tentação* é o diabo! Agora estava eu com uma *tentação* de dizer *brutalidades* ao *Apostolo*; mas largo a capa e não digo nada.



Não posso resistir; vou deitar-lhe a pá de terra, cantando-lhe a *porta inferior*, dizendo-lhe: *Não soube morrer o que vier nô nôche!* A imprensa serve só para quem é sincero — e o *Apostolo* não o era.

Tanto que a sua alegrona caridade fui glorificada com o aparecimento do filantropico e honestíssimo irmão Ignacio, tipo que bem pode representar uma religião respeitável sem os desbragados insultos a que abria as suas colunas o finado orgão. Foi a luz falsa ecolysada pela verdadeira.

Acabaram, felizmente, com elle as chapas oficialmente engravidas, que moeram os caricaturistas e o público durante tantos annos: o *Apostolo*, — o porco, — e o burro.



Tres coisas distintas e uma só verdadeira: — o burro! *Parce sepultis* a estas tres bestialidades!

Continua aberta em nosso escriptorio a subscricção para as orphás desvalidas, cujo producto será entregue ao Irmão Ignacio.